

Folha de S. Paulo

4/4/1986

OMS investiga foco de tracoma em Bebedouro

Da Reportagem Local

Com 1.500 casos de tracoma — uma doença contagiosa que pode levar à cegueira, erradicada do Estado desde 1975 — registrados nos últimos três anos, a cidade de Bebedouro (396 km a noroeste de São Paulo) recebeu esta semana a visita de um consultor, da Organização Mundial da Saúde (OMS), o australiano Hugh Taylor, da Universidade Johns Hopkins, localizada em Baltimore, a nordeste dos Estados Unidos. Junto com uma equipe de vinte técnicos da Secretaria da Saúde, ele vai investigar as causas do foco de tracoma, responsável pelo reaparecimento da doença, própria de regiões sem condições mínimas de higiene.

Além de surgir numa cidade onde 96% das casas dispõem de água encanada, o surto de tracoma em Bebedouro apresenta uma outra trágica particularidade: está atingindo principalmente crianças, e de forma muito violenta. "É relativamente raro no mundo encontrar casos tão graves, com grandes cicatrizes, em crianças muito novas", disse ontem Hugh Taylor, 38, ao retomar da visita de três dias a Bebedouro, quando examinou sessenta crianças de um a dez anos e entre elas encontrou oito desses casos graves.

O tracoma provoca uma inflamação nas pálpebras que, após curada com o antibiótico em forma de pomada de tetraciclina, aplicada durante seis semanas, deixa cicatrizes. Ao longo dos anos, o atrito constante da cicatriz com a córnea acaba provocando a cegueira na idade adulta.

Mais grave ainda é que as crianças doentes estão sem tratamento. Desde janeiro o Serviço de Oftalmologia Sanitária da Secretaria da Saúde não dispõe do medicamento. Embora seja barato e fácil de produzir, a tetraciclina a uma concentração de 1% não existe em São Paulo. A Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (Sucam) não manda o remédio para São Paulo porque a doença havia sido erradicada. A Fundação para o Remédio Popular, da Secretaria da Saúde, havia fabricado no ano passado 5.500 tubos de tetraciclina, mas foi obrigada a recolher o medicamento. Mas Hugh Taylor levou duzentos tubos de pomada a Bebedouro, conseguidos diretamente com a Sucam do Rio de Janeiro.

A cidade de Bebedouro é um dos maiores centros produtores de laranja do país, abastecendo a indústria exportadora de suco. A mão-de-obra deste tipo de produção agrícola é constituída principalmente de bóias-frias (69,1% do total de trabalhadores do município), que trabalham no campo e vivem na cidade, por isso 86,5% de seus cinquenta mil habitantes moram na região urbana. Também vivem em Bebedouro os bóias-frias que trabalham nas plantações de cana-de-açúcar espalhadas na região. Tal mobilidade talvez explique o surgimento de casos de tracoma em outros seis municípios: Jardinópolis, Sertãozinho, Serrana, Barrinha, Cravinhos e Guariba.

Mas essa é apenas uma hipótese a ser analisada, durante dois meses de trabalho, por Hugh Taylor e a equipe brasileira, que terá entre seus coordenadores a oftalmologista Norma Helen Medina, 29, do Serviço de Oftalmologia Sanitária do Instituto de Saúde, vinculado à Secretaria da Saúde. O material retirado por Taylor das pálpebras de crianças doentes de Bebedouro será analisado no seu laboratório em Baltimore.

"Vamos comprovar se se trata de clamídia", diz Taylor, referindo-se ao microorganismo que provoca e transmite o tracoma. A necessidade da comprovação, explica o especialista, é importante, pois muitos oftalmologistas paulistas não acreditam tratar-se de tracoma, atribuindo a irritação e inflamação das pálpebras a um tipo de conjuntivite. "Mas estou absolutamente

seguro de que é tracoma", afirma Taylor, há doze anos dedicado ao estudo da prevenção da cegueira.

(Primeiro Caderno — Página 27)